

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

RESUMO:

Este texto reflete sobre o corpo como um espaço de saberes ancestrais, culturais e históricos, enfatizando as Danças Negras como formas de resistência e memória na diáspora africana. A dança é abordada como uma ferramenta de conexão entre passado, presente e futuro, onde corpos negros manifestam suas histórias e lutas contra o racismo estrutural. O texto destaca a importância de resgatar e valorizar as danças negras como parte de uma cosmovisão afrocentrada, que reafirma a identidade e a ancestralidade em um contexto de opressões e exclusões históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Danças Negras, Corpo, Ancestralidade, Racismo Estrutural, Afrodiáspora.

ABSTRACT:

This text reflects on the body as a space of ancestral, cultural, and historical knowledge, emphasizing Black Dances as forms of resistance and memory in the African diaspora. Dance is presented as a tool for connecting past, present, and future, where Black bodies express their histories and struggles against structural racism. The text highlights the importance of reclaiming and valuing Black dances as part of an Afrocentric worldview, reaffirming identity and ancestry in a context of historical oppression and exclusion.

KEYWORDS: Black Dances, Body, Ancestry, Structural Racism, Afro-Diaspora.

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Feche os olhos e responda: qual a última vez que dançou? Que dança foi essa e qual motivo te levou a dançar? Será o corpo o lugar onde a dança acontece? Questões sempre surgirão, a dança é sempre movimento, é ação, assim como o pensamento é uma ação. O filósofo e professor carioca Renato Nogueira (2011) diz que o pensamento só é possível com o corpo. Nossa casa. Nessas abordagens defino o corpo como ciência, um campo de produção de saberes, de epistemologias desse corpo que é físico, químico, biológico, cultural que se dá a história, que faz história, que se constrói no universo, que é filosófico. O corpo um tecido bordado com búzios onde crianças brincam em casa. Casa que tem cômodos, de vários tamanhos, arquitetura, texturas, caminhos e sentidos.

O corpo é alguma coisa. O corpo é também mistério, de onde podemos e não podemos desvendar muitas coisas que a ciência e campos de estudos ainda não desvendaram. O corpo é o lugar de acontecimentos. Talvez um jejum (comer juntos) de coisas para tentar compreender o corpo ou para não definir, sobretudo para dizer que é uma complexidade e um infinito de conhecimento e desconhecimento. O corpo é ancestral, testemunha e atualizador do passado e artífice do presente e futuro em conexões não só dos nossos antepassados, mas enredos do hoje que nós construímos ontem. O hoje será ontem e o amanhã também o hoje. O corpo é história. Uma interminável fonte de símbolo

Para o professor e pesquisador Márcio de Jagun (2018) a noção do corpo, no complexo da cultura iorubá, parte de alguns princípios como o de temporalidade, no que tange a uma relação sincrônica com o tempo, ou seja, acontecimentos se desenvolvem em simultaneidade em espaços e situações distintas. Ele diz que as pessoas são descendentes diretos de seus orixás, sendo a ancestralidade um elo, uma conexão entre o homem no presente e no passado. Uma instância de acontecimentos conjuntos, na qual, por exemplo, dançar é celebrar, é ritual, unindo os vivos aos outros planos ancestrais. A partir dessa noção as danças negras em

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

diásporas como os Sambas, Jongs, pagodes baiano, passinho e funk cariocas, as danças urbanas periféricas são modos que compõe a vida e são memórias ancestrais, assim como o autor define ancestralidade na perspectiva iorubana.

Chamo de Danças Negras aqui, a partir da definição do artista pesquisador senegalês Patrick Acongy. De acordo com ele, a construção e busca das inspirações de coreógrafos negros em diversas técnicas, vocabulários, estéticas que vão expressar suas “negritudes” é um dos caminhos para compreensão de dança negra. Acongy (2017) sugere a expressão no plural, afirmando “danças negras” no sentido de ampliar os conceitos e entendimentos da diversidade de danças de artistas negros e negras e inúmeras estéticas de artistas descendentes de África em suas diásporas, que a reinventam e constroem outras muitas possibilidades.

As danças negras de modo bem geral são sempre manifestações coletivas como os sambas de rodas na Bahia, o coco em Sergipe e Pernambuco, o tambor de crioula no Maranhão, danças que compõe a cultura desses lugares. As danças urbanas periféricas como o funk, passinho, pagode baiano e os paredões entre outras são atualizações, reconfigurações de heranças de povos africanos escravizados no Brasil e dos povos originários. Não intento detalhar cada dança, nem necessariamente enumerá-las, mas postular que essas danças acontecem no corpo, e o corpo que move e essas movências de características próprias de cada lugar, sonoridade, arquitetura, trata do/no corpo como memória dinâmica que encruzilha nossos passados, presentes e futuros. A dança é sempre movimento de ativação e reatualização de modos de ser em interconexões ancestrais. É no corpo que aprendemos as danças o modo com que aprendemos e apreendemos os saberes.

Compreender o corpo, a nós, como uma rede de alimento a ampliar nossas concepções de mundo, para perceber, sentir nossas ancestralidades, sabedorias e ciências de pensamentos africanistas para ampliar o conhecimento africano e afrodiaspórico. Importante

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

ouvir os mais velhos como nossas avós, as Mães de Santo, os Pais de Santo, as crianças, os cientistas, os professores e professoras e nós pesquisadores. (SILVA, 2020, p. 32)

A dança é muscular, é molecular, é tecido, é experiência e espiritual. São danças de guerra, de festividade, de morte, de insurgência. O corpo produz inúmeras possibilidades relacionais, por isso não falo de uma dança específica, mas as danças negras que configuram relações de corpos negros em diáspora, pois quando proponho o corpo como casa de memória é a memória e a ancestralidade do corpo negro em diásporas que dançam suas danças, que reelaboram no por vir. A ancestralidade permite que os corpos se inscrevam na sociedade como manutenção dela.

O professor Eduardo de Oliveira (2007) afirma em uma das definições de ancestralidade como intermediadora do corpo, não como voltar ao passado, mas como atualização da tradição, de traçados, de anterioridade de construção do tempo. Ao afirmar a ancestralidade como uma categoria analítica, Eduardo de Oliveira nos diz que a mesma se nutre de experiências afrodescendentes e africanas para compreender a experiência em uma polivalência de sentidos e de interpretação às várias esferas da vida do negro brasileiro. Adverte que o corpo ancestral está fundamentado na vivência e reconhecimento referenciado no território do continente africano e no território brasileiro africanizado. O autor postula que os sentidos podem partir de uma relação entre a cosmovisão com a qual o sujeito negro se conecta junto às divindades ancestrais e seus descendentes. Tratando de dinâmicas, por exemplo, como as religiões de matrizes africanas no Brasil. A cosmovisão, segundo o autor, reúne princípios e valores a partir das dinâmicas civilizatórias africanas. Completa afirmando que ancestralidade vem protagonizar a construção cultural, histórica do negro no Brasil. A dança faz com que não esqueçamos quem somos, ela é também uma interconexão ancestral, ela promove no corpo memória onde é sua casa, ou seja, dançamos para lembrar.

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

A partir dos autores afirmo que as danças negras são mecanismos que resistem ao racismo estrutural que controlam os corpos negros. O pressuposto de “racismo estrutural” desenvolvido pelo professor e jurista Silvio Almeida (2018) explica as relações raciais instauradas na sociedade é um modo estrutural social de funcionamento normalizado da vida cotidiana, produzindo e reproduzindo de maneira sistêmica práticas racistas que constitui relações políticas, históricas, econômicas, jurídicas e até familiares. O racismo tem a raça como fundamento, manifestado por meio de práticas de discriminação e geradoras de desvantagens e privilégios para indivíduos e grupos racialmente identificados. Esse postulado afeta os imaginários das esferas de produção de conhecimento e as intelectualidades do corpo. Os corpos negros foram historicamente cerceados de significância, pois com a chegada nas Américas, via escravização, as pessoas negras foram transformadas em moeda escravista. Para Fanon (2008) o racismo é um modo que opera no agir e compreender o mundo do sujeito.

Na medida que as danças negras são memórias dos corpos negros em diásporas, as opressões se repetem em cada período da história.

Ao longo dos processos históricos e culturais no Brasil, as religiões de matrizes africanas e nossas danças negras e periféricas foram, e são, perseguidas e tratadas com violências. Nas primeiras décadas do século XX, o samba foi duramente perseguido e marginalizado, principalmente por ser de estética negra e ser modo de vida e manifestação cultural ascendente e descendente de africanos, como foi demonstrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN no Dossiê Matrizes do samba no Rio de Janeiro, em 2014, assim como a capoeira era considerada vadiagem e perseguida igualmente pelas autoridades. Atualmente, a história se repete. Os bailes funk do Rio de Janeiro e São Paulo, e as festas de pagode baiano em Salvador, são alvos do extermínio da população negra e periférica, o que Abdias do Nascimento (2019) chama de Genocídio.

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

A percepção dos nossos próprios caminhos, implica em atentar aos caminhos dos nossos pares, os que nos compõem também. Espero contribuir com intervenção ampliada no que tange uma abordagem da dança que se dá no corpo, reforçando a contribuição de um modo de produzir danças negras e de existência no mundo. Essas perspectivas fundamentam, neste artigo, como ampliação de campo de conhecimento e ações mobilizadoras no campo coletivo. Uma proposta de encorajamento, de interrogação e engajamento com ações possíveis e eficazes, que junto a outras relações, encruzilhadas com outros campos, inauguram um outro modo de perceber do corpo contra as injustiças. Respeitar outros saberes, reconhecer as pluralidades de povos, nos entendermos como sujeitos que afetam e são afetados, e como as danças negras nucleiam modos de ser/existir e sentir o mundo com valores e ressignificações filosóficas na afrodiáspora.

Referências

ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

D'ADESKY, Jacques; SOUZA Teixeira de Marcos. Afro-brasil, debates e pensamentos. Rio de Janeiro. Editora Cassará, 2015, p. 312 -339.

FANON, Frantz. Présence Africaine Nouvelle série, No. 8/10. Le 1er Congrès International des Écrivains et Artistes Noirs. Paris, Sorbonne. 19-22 Septembre 1980. p. 122-13.

JAGUN, Márcio de. Orí: A cabeça como divindade: História, Cultura, Filosofia e Religiosidade. Ed. Litteris, 2018.

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. Agadá: dinâmica da civilização africanobrasileira. Salvador: EDUFBA, 2017.

MOREIRA, Adilson José. Pensando como um negro: ensaio de hermenêutica jurídica. São Paulo: Editora Contracorrente, 2019. _____. Racismo Recreativo. Belo Horizonte: Letramento, 2019. (Feminismos Plurais).

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva. OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Bruno de Jesus da. Opaxorô, Ofá e Oxê: legado, narrativas de danças de Mestre King e Jorge Silva. 160 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020 disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32120> acesso em 19 de setembro 2020.

SILVA, Bruno de Jesus da. Ofá, um pensamento de caça: a coreação de Jorge Silva como afroperspectividade. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019a. p. 1979- 1989.

_____. Dança em voz alta. Janela de Dramaturgia: edição Manifesto, p. 67-73. Belo Horizonte, 2019. Catálogo I. Publicação em dezembro 2019b.

_____. RAIMUNDOS: Mestre King e as Figuras Masculinas da dança na Bahia. Documentário. DVD (31 min.). Direção Bruno de Jesus. Salvador, 2016, color, português.

SILVA, Marilza Oliveira da. Ossain como poética para uma dança afrobrasileira. Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da

Corpo, casa de memória! dançamos para não esquecer?

BRUNO DE JESUS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.2 ANO 2021

Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19743/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Marilza%20Oliveira.pdf>. Acesso em 16 fev. 2016. SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998.

_____. O terreiro e a cidade: a forma social negro brasileira. Ed. Imago, 2002. TAVARES, Julio. Dança de Guerra: arquivo e arma (elementos para uma teoria da capoeiragem e da comunicação corporal afro-brasileira). Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

SOBRE AS AUTORIAS:

Bruno de Jesus, Universidade Federal da Bahia

Artista, educador e pesquisador da dança. Mestre em Dança pelo PPGDANÇA UFBA. Docente Temporário da Escola de Dança UFBA. Pesquisa as culturas e danças negras em diáspora. Fundador da Experimentando- NUS Cia. de Dança. Idealizador e programador do EPA! Encontro Nacional Periférico de Artes. Diretor do documentário RAIMUNDOS: Mestre King e as figuras masculinas da dança na Bahia. E-mail: bruno.danca@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6159-9016>

RECEBIDO em: 05/08/2021

APROVADO em: 13/10/2021